

DEPOIMENTO SOBRE "O QUINZE"

Rachel de Queiroz

Menina sertaneja, as histórias da seca eram uma realidade constante no ambiente da fazenda: as fundas lembranças das tragédias de 77, do "três oito" (1888) do 900. Muitas testemunhas ainda havia desses anos, testemunhas que contavam as tristezas da gente e do gado, as retiradas para a serra e para "a rua", a fuga para a Amazônia. Com aquela segura de linguagem, a ausência de dramatização, a límpida enumeração dos sucessos que caracterizam a narrativa sertaneja e que eu decerto inconscientemente copieei, num despojamento de que se fez mais tarde uma das características mais assinaladas do livrinho.

Por ocasião da seca de 1915 ("o Quinze", como é chamada) tinha eu quatro anos — nascida que fôra em novembro de 1910.

Passamos a seca em Fortaleza, numa chácara que meu pai recém comprara no antigo Alagadiço, larguíssima avenida de areia tendo apenas na espinha dorsal o estreito calçamento por onde corria o trilho do bonde; e a casa, onde é agora uma casa de saúde, tinha um quintal imenso, plantado com uma partida de bananeiras, muitas goiabeiras e a glória de um catavento alto de doze metros.

Pelos confins do mesmo Alagadiço o governo fez abrir o chamado "campo de concentração" (meu Deus, naquele tempo a expressão não carregava as terríveis conotações que adquiriu mais tarde); era cercado de arame, sombreado de cajueiros, e lá se aranchavam e recebiam socorros os retirantes vindos em número tão grande que o governo não arranjava edifício público com espaço suficiente para os abrigar.

Desse campo me recordo vagamente — a cerca, os acampamentos feito de ciganos, o fogo aceso sob as árvores, latas cozinhando nas trempes, as magras redes se entrançando de galho a galho.

Eu ia lá com minha mãe, minha avó, minhas tias, levar auxílios aos flagelados. Parece que os jornais achavam feia a palavra "retirante" e então o chique era chamar retirante de flagelado.

Quanto à seca de 1919 nós a passamos no Pará; já maior e mais atenta ao mundo, tive notícias dela através de meu pai que era um dos "comissários" da colônia cearense em Belém, encarregados do recebimento e ajuda aos retirantes recém-chegados.

Isso conto para explicar que, ao escrever o livrinho, eu nunca vira uma seca com os meus próprios olhos. Mas a tradição local era tão forte, a lembrança em todos ao meu redor tão presente, os relatos repetidos com tanta frequência, as referências ao flagelo tão cotidianas ("... aqui no açude, onde a água está dando duas braças, foi que o povo cavou cacimba no Quinze"... "este rebolado de mandacaru não sei como escapou — foi cortado até a raiz no Dezenove, para rama do gado" ... "esse menino véio é assim movido porque nasceu na seca, coitado"...).

E para saber como era a paisagem da seca a gente tinha o verão, os meses que vão de julho a fevereiro ou março, onde tudo seca, a vegetação e as águas; pois a seca, afinal, não é muito mais do que um verão duplicado.

Isso quanto ao tema e ao cenário; agora, a autora.

Desde os dezesseis anos que eu fazia jornalismo no jornal "O Ceará", de Júlio Ipiabina, na revista "A Jandaia" de Aldo Prado, num efêmero "Maracajá", tablóide modernista, e afinal em "O Povo", até hoje vivo e pujante, fundado por Demócrito Rocha. Já me atrevera mesmo a uma noveleta, muito artificial, muito pretensiosa, que Demócrito fizera publicar em folhetim. Pensava num romance, mas não queria fazer a simples história de amor que os meus dezoito anos pediam — queria nele também a terra e a gente do Ceará. Via que o meu caminho tinha que ser mesmo a literatura da seca, embora já trilhada por tantos — Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo entre muitos; inclusive cantada por Guerra Junqueiro — poema de que meu pai repetia sempre, uns versos onde se falava que o retirante "Pedia esmola/ Na mesma língua em que a pediu Camões". Mas eu queria a minha seca mais seca, — quero dizer, menos formalmente trágica — sem tantos cadáveres, tantos esqueletos, tantos urubus, como era o tom realista, até então.

Pelos meados de 29 comecei a escrever o livrinho. De noite, no casarão do Picf, onde morávamos então (essa casa, desmembrada do velho sítio que foi loteado, ainda existe).

Ainda não chegara ao Picf a luz elétrica e eu costumava a escrever à noite, a lápis, num caderno escolar. Minha mãe, temerosa de me ver doente ("Essa menina acaba física!") perseguia as minhas noitadas em claro, me mandava apagar cedo a luz do quarto. Eu então esperava que a casa adormecesse e ia para a sala da frente, onde um lampião passava a noite aceso, posto no chão. Estirada no soalho, de bruços diante da luz, eu escrevia; parecia-me, na minha inocência, que a criação literária só poderia ser feita assim, no mistério noturno, longe do testemunho e dos comentários da casa ruidosa, cheia de irmãos.

Assim, a lápis, foi tudo escrito, já na sua forma quase definitiva; depois eu passei a limpo, (um limpo muito relativo porque a datilógrafa era ruim e a máquina era péssima), numa velha e minúscula Corona que meu pai comprara de segunda mão de Frei Leopoldo Plass, querido amigo nosso.

Só depois de copiado a máquina mostrei o livro a minha mãe e a meu pai. Não me lembro de muitos ou nenhuns louvores deles, nem mesmo surpresa — afinal, minha misteriosa labuta noturna não deveria ter passado tão despercebida assim. O que recordo é que entramos logo em combinações para a edição — não cogitamos sequer em editor propriamente dito — era arranjar tipografia, pedir preço e fazer o livro, se desse.

A Tipografia Urânia nos pediu onze mil réis por página e os mil exemplares da tiragem saíram ao todo por dois contos de réis. Mestre Camarão, o tipógrafo, se encarregou de todo o trabalho gráfico, revisão inclusive. Nosso velho amigo o pintor Gerson Faria (que já nos fizera a graça de pintar a casa com barra de paisagem na sala de jantar e uma decoração de pássaros e folhagens de violência amazônica, no meu quarto) se encarregou de fazer a capa; que eu detestei, aliás (o que só hoje confesso) mas que não tive coragem de recusar.

As tratativas da edição ocorreram nos começos de 1930. Por julho estava o livro pronto. Antônio Salles, meu mestre, meu amigo e meu guru, me orientou quanto às pessoas aqui do Rio para quem deveria mandar o romance — entre elas Graça Aranha, Beni Carvalho, Renato Vianna, também sugeriram outros nomes. Eu

própria tinha os meus, entre eles Augusto Frederico Schmidt, editor do jornal "Novidades Literárias", que foi o primeiro, no Rio, a "dar o brado", como ele gostava de dizer. Graça Aranha foi outro, Arthur Motta em São Paulo, Herman Lima na Bahia. Mas em Fortaleza a recepção foi fria e, da parte de alguns, até hostil. Teve quem dissesse que o real autor do romance não era eu, mas meu pai. Um certo Mario de Andrade (o que se dizia "o do Norte") escreveu metendo o pau, até no papel de impressão da gráfica Urânia, papel que na verdade não era lá essas coisas. Mas ofendeu mortalmente Mestre Camarão.

Depois veio o Prêmio da Fundação Graça Aranha, a bonita segunda edição da Editora Nacional. Mas aí já é outra história.

Quanto à "Dora, Doralina" tinha a intenção de também dar um depoimento a respeito, mas de repente descobri que a velha senhora sua autora, ainda não se desligou desse última romance tanto quanto se desligou da mocinha, autora de "O Quinze". Ainda se sente responsável, ainda cora e se desculpa e, pois, não se vê com a insenção necessária para esse falar franco. Não é, Deus do céu, que repute o livro obra de algum alcance especial, merecedor de solidariedade e defesa; apenas, não se liberou ainda do sentimento de responsabilidade pelo que recém escreveu e, pior, publicou. Enquanto que os atos e feitos da mocinha se somem na preistória, caíram, pode-se dizer, em domínio público...

Foi um livro de longa gestação, embora não de longa elaboração. Sempre lembrado, durante anos, nas cogitações de trabalho; mas sempre adiado diante das imposições das tarefas do dia-a-dia jornalístico, já de si excessivas para uma pessoa de temperamento indolente, pouco amante de escrever.

Outro motivo para a autora fugir a confissões sobre "Dora" é que ainda andam por aí vivos e ficando muitos dos cavalheiros e damas que, próxima ou longinquamente, inspiraram alguns dos seus personagens; e eles que, felizmente, não se reconheceram na história, poderiam fazê-lo diante de alguma dica mais explícita que me escapasse – e isso, claro, não seria bom.

Era o que eu tinha a dizer. E, se falei pouco, posso porém garantir que, nesse pouco, só falei a verdade.